

Manifestação do reitor da USP, Marco Antonio Zago, na cerimônia de concessão do título de Professor Emérito da USP ao Prof. José Goldemberg, em 14/2/2017

Sr. Governador do Estado, Geraldo Alckmin
Professor Emérito, Prof. José Goldemberg,
Senhoras e senhores,

Em nome da USP agradeço ao Sr. Governador a gentileza de acolher essa comemoração na sede do Governo Paulista que, dessa forma, se associa à homenagem que prestamos ao Prof. José Goldemberg. Governo de São Paulo e USP, juntos: eis uma associação admirável de enorme potencial. A realização deste ato aqui reafirma nossa confiança nessa aliança.

A USP teve, até hoje, 27 reitores, e tem uma lista de 17 professores eméritos, desde a sua fundação, quatro deles concedidos “post mortem”. Ou seja, é mais fácil ser reitor da USP do que ser reconhecido com o título de professor emérito, e a alguns a honraria somente é concedida após a morte.

Cumprimentamos, pois, o Professor José Goldemberg. O nosso homenageado ostenta desde hoje os dois títulos: foi reitor e agora torna-se professor emérito. Dirigentes e membros da Universidade de São Paulo identificam nele um modelo de professor universitário a ser emulado. Quais são as características que levaram a esse duplo reconhecimento pelos colegiados da USP?

Essas qualidades poderiam ser examinadas sob três dimensões diversas: a de cientista, o acadêmico e o homem público. Esses domínios não se confundem, e só raramente se sobrepõem em uma única pessoa. Nas poucas ocasiões em que ocorre a associação dessas qualidades, a sociedade tem uma oportunidade especial de ter um interlocutor que estabelece conexão da ciência, na sua concepção mais pura, com a vida dos cidadãos. Portanto, Prof. Goldemberg, o senhor é homenageado pela Universidade de São Paulo porque é um cientista com uma visão social da ciência, e promove essa visão nas instituições nas quais atua.

Em primeiro lugar, o Professor Goldemberg é um homem de ciência, um pesquisador. Quando ele é interrogado sobre o que é ciência, sua resposta é muito simples e imediata: ciência é aquilo que o cientista faz! E o prof. Goldemberg fez e faz muito bem.

Iniciou como físico pesquisando as forças, as partículas e as radiações derivadas do núcleo atômico. Seu orientador foi o Prof. Marcelo Damy de Souza Santos e assim, por meio dele, liga-se diretamente ao pioneiro da física na USP e em São Paulo, o professor Gleb Wataghin. A partir da década de 1980, seu interesse científico principal passa a ser a energia, e a contribuição mais emblemática desse período é o livro *“Energy for a Sustainable World”*. Desde então e até o presente continua realizando pesquisas na área de energia, tendo escrito em 1995 outro livro seminal sobre a questão, intitulado *“Energy and Environment in the Developing Countries”*.

Teve uma rica vida acadêmica, que se estende até hoje. Foi professor catedrático de física da Escola Politécnica, onde influenciou decisivamente a educação de gerações de engenheiros. Em 1969, a primeira grande reforma estatutária da USP unificou no Instituto de Física os departamentos de física e correlatos antes dispersos. Foi o primeiro diretor eleito do novo instituto, e o dirigiu por 8 anos. Teve então o papel muito relevante de organizar a vida de uma das mais ativas unidades da universidade, num momento de grandes mudanças na física.

Influenciado certamente por isso, pelo poder destrutivo ou construtivo da ciência, pela observação das forças monumentais que as equações do quadro negro podem liberar, como as bombas atômicas ou de nêutrons, e também pela sua experiência na Universidade de Princeton, ao assumir a Reitoria da Universidade de São Paulo, de 1986 a 1990, Goldemberg criou o Instituto de Estudos Avançados (IEA). Um dos primeiros eventos promovidos pelo recém-criado instituto, em 1986, foi a conferência “Controle de Armamentos e Poder Militar” proferida pelo economista norte-americano John Kenneth Galbraith, e uma do próprio Reitor José Goldemberg sobre “Uma nova estratégia energética para o Brasil”, dessa forma delineando o perfil de atuação dessa nova unidade da USP.

Como Reitor realizou ainda a primeira reformulação dos Estatutos da USP, vinte anos depois da reforma de 69, coincidindo com a redemocratização do país e a promulgação da Nova Constituição. Negociou com sucesso com o Governo do Estado a concessão de autonomia financeira às Universidades do Estado de São Paulo, fortalecendo as bases para o sucesso dessas instituições.

Foi ainda Presidente da Sociedade Brasileira de Física, e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Sua aposentadoria não o afastou da vida acadêmica no Instituto de Energia e Ambiente da USP, o IEE, do qual tem o Título de Professor Emérito.

O Prof. Goldemberg é, finalmente, um homem público excepcional, que estendeu sua contribuição às sociedades paulista e brasileira, sempre empenhado em transformar ciência em bem-estar e progresso. Foi Ministro da Educação, Secretário Interino de Meio Ambiente da Presidência da República, Secretário da Ciência e Tecnologia do Brasil, Secretário de Estado do Meio Ambiente, Reitor da USP e desde o último ano é Presidente da FAPESP. Sua atuação foi amplamente reconhecida, tendo recebido numerosos prêmios e honrarias, nacionais e internacionais.

Meus amigos,

Em 1944, no auge da Segunda Guerra Mundial, o presidente do Congresso da Sociedade Americana de Investigação Clínica, Fuller Albright, um dos mais reconhecidos cientistas médicos do século XX, fez a seguinte pergunta, em seu Discurso Presidencial: “Será que realizar um congresso de investigação clínica em pleno conflito mundial pode ser entendido como parte do “esforço de guerra” em que toda a nação americana tem que estar empenhada?” A questão implicava a alternativa de que, se não fosse relevante, todos estariam ali desperdiçando recursos preciosos em um momento de crise. Vale a pena reproduzir sua conclusão: “Não tenho nenhuma dúvida de que a resposta é positiva. Todo o conhecimento está inter-relacionado; em tempos de estresse, a nação mais científica é aquela que tem a maior vantagem.”

Nos momentos de crise, sempre foram bem-sucedidos os governos que se apoiaram fortemente no conhecimento científico e progresso tecnológico. Em especial aqueles que souberam dar liberdade à ciência e que incorporaram ciência e tecnologia como parte de sua estratégia de governo beneficiaram-se de seus produtos, que nem sempre amadurecem em curto prazo, como Estados Unidos da América, Japão, Europa Ocidental e Coreia. Os demais estarão fadados ao insucesso ou a uma posição subsidiária.

É por isso, senhoras e senhores, que tenho imenso orgulho de dirigir uma das mais prestigiosas instituições do país, a Universidade de São Paulo, que busca seguir a mesma tradição de excelência acadêmica e pioneirismo de nossos fundadores, em 1934, fortalecida por pessoas como o Prof. Goldenberg.

Uma característica surpreendentemente moderna da universidade criada por Armando de Sales Oliveira era a diversidade intrínseca de sua missão. Devia ser, ao mesmo tempo, escola de formação profissional de elevada qualidade; instituto de pesquisa de ciências, letras e filosofia; local de formação das lideranças intelectuais, e de criação, compreensão e transmissão da cultura.

Essa universidade, assim constituída, revelou-se um projeto político e estratégico bem sucedido do povo paulista e de seus líderes, ao qual vieram agregar-se as outras duas universidades estaduais paulistas (UNICAMP e UNESP), a FAPESP, os institutos de pesquisa como Butantã, IPT, IPEN, IAC, o Centro Paula Souza e a UNIVESP, como instrumentos de uma política que colocou o Estado de São Paulo em posição de liderança no país, na produção intelectual e na formação de pessoal qualificado de nível superior.

A pergunta a que temos que responder é se a USP está cumprindo seu papel, segundo propunham seus fundadores e como espera hoje a sociedade paulista. Estamos formando as elites intelectuais, científicas e gerenciais do País? Estamos promovendo o desenvolvimento científico e a inovação com base em

pesquisas de ponta? Estamos garantindo a excelência da graduação, acompanhando as novas tecnologias de produção de bens e serviços? Estamos promovendo o diálogo permanente com a sociedade, com as empresas, com o poder público, para aperfeiçoar a atividade da própria universidade?

Podemos responder positivamente a todas essas questões, mas também temos que reconhecer que há muito espaço para melhorar. A USP pode fazer mais e melhor.

Além de ser reconhecida em todos os rankings globais como a universidade mais destacada da América Latina, a USP forma anualmente cerca de 14.000 jovens na graduação e na pós-graduação. A grande maioria das universidades que lideram as listagens internacionais têm números de alunos muito menores do que os nossos. Nossa reputação entre os empregadores coloca-nos entre as 50 melhores universidades do mundo! Estamos entre as cinco universidades do mundo de maior prestígio na área agropecuária, e entre as 10 de maior prestígio na odontologia. Em 2015 colocamo-nos em sexto lugar entre todos os depositantes de patentes nacionais, registrando o mesmo número de patentes que a Petrobrás. Vale ressaltar, senhores e senhoras, que as três universidades públicas paulistas depositaram juntas um número bem maior de patentes do que a primeira empresa do ranking, a Whirlpool.

Os *campi* de Ribeirão Preto, de São Carlos e de Piracicaba, juntamente com a Unicamp, deram origem ao longo de 50 anos a um eixo de desenvolvimento no Estado de São Paulo, ao longo das rodovias Anhanguera e Bandeirantes, que tem um papel central em nosso Estado, ajudando interiorizar o progresso e a cultura, criando nessas regiões um sólido parque de indústrias e serviços de base tecnológica. Nossa irmã UNESP e as FATECS vão contribuir para tornar esse quadro mais abrangente e regionalmente mais difuso. Por isso dizia no início, senhor governador, que nossa aliança garante solidez ao desenvolvimento do Estado.

Finalmente, aproveito para anunciar que nossos esforços no sentido de garantir equilíbrio financeiro da USP estão sendo bem-sucedidos; a criação de uma controladoria e estabelecimentos de parâmetros de sustentabilidade financeira contribuirão para perenizar esse quadro. A USP continua trabalhando para uma relação mais próxima com a sociedade; hoje foi nomeado o seu Conselho Consultivo, com 12 membros sendo 8 deles externos.

É dessa forma, meus amigos, senhor Governador, que nós procuramos fortalecer a herança de um gaúcho de Santo Ângelo, que desde a sua adolescência se encantou com a busca de resposta para questões simples no mundo que nos cerca, caminhou para as equações e questões complexas que derivam da análise dos átomos e da energia, e depois, voltando-se para a sociedade, buscou aproximar ciência da sociedade, dando um sentido prático ao conhecimento. Como Reitor, modernizou a USP, fundou o IEA e promoveu, de maneira prática, a autonomia das universidades públicas paulistas, que são, ainda hoje, as únicas instituições genuinamente autônomas no país. Por isso, a USP resolveu conceder-lhe, merecidamente, o Título de Professor Emérito.

Muito obrigado!